

**O cuidado de si na trajetória de dois personagens tidos como loucos**

Viviane Trindade Borges<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste breve estudo objetivo estabelecer uma discussão inicial a respeito de um dos questionamentos que pretendo aprofundar em minha tese de doutorado<sup>2</sup>. Trata-se da análise de aspectos da vida e da obra de dois personagens tidos como loucos: Arthur Bispo do Rosário (1909-1989) e Alceu Poeta (1932-1975). Sob a perspectiva foucaultiana do cuidado de si, busco mostrar que estes personagens recriaram suas trajetórias num verdadeiro processo no qual criar acarretava transformação, ocorrida através da invenção de um novo modo de existir. Através de decisões éticas e estéticas moldaram suas vidas através de critérios próprios. Neste sentido suas obras podem ser percebidas como técnicas de subjetivação.

**Abstract:** In this brief study I try to establish a preliminary discussion on a subject which will be treated in more detail in my doctorate thesis 2 [2]. It's about some aspects of life and work of two individuals thought as insane: Arthur Bispo do Rosário (1909-1989) and Alceu Poeta (1932-1975). Under foucaultian perspective of self-care, I try to show that these people re-created their life histories in a real process where creation meant transformation, which occurred through invention of a new way of existing. Through ethic and aesthetics they shaped their lives by using their own criteria. In this sense, their works can be seen as subjectivizing skills.

**“Jesus filho tranque-se no quarto e comece a reconstruir o mundo”**

Arthur Bispo do Rosário nasceu em Japaratinga, no estado do Sergipe. A data de seu nascimento não é precisa. Segundo os registros na Marinha de Guerra do Brasil, onde Bispo serviu de 1925 a 1933, a data de seu nascimento é 14 de maio de 1909. De acordo com os registros da Light, onde trabalhou até 1937, consta como a data de nascimento 16 de março de 1911. Bispo parecia não se incomodar com estes detalhes, segundo ele “um dia, eu simplesmente apareci”.

Quase nada se sabe sobre sua família, apenas que era neto de escravos e que migrou junto com os seus para Bahia. Aos 16 anos ingressou na Marinha por insistência de seu pai. Durante seu período como marinheiro praticou boxe, alegando ter sido campeão na

---

<sup>1</sup> Mestre em História pelo PPG em História da UFRGS. Doutoranda do PPG em História da UFRGS. Bolsista CAPES.

<sup>2</sup> O projeto de tese em andamento intitula-se “A vida contada em bordados e versos: Arthur Bispo do Rosário e Alceu Poeta, duas vidas trancadas em manicômios brasileiros”, sob a orientação do professor Dr. Benito Schmidt, no PPG em História da UFRGS.

modalidade. No Rio de Janeiro, Bispo ganhou a vida de várias formas, foi servente, caseiro, porteiro de edifício, funcionário da Light e segurança de político (AQUINO, 2006, p. 47).

Conforme o registro em uma de suas obras, em 22 de dezembro de 1938, Bispo foi surpreendido por sete anjos que desceram dos céus em nuvens com formato de esteira. O artista vagou pelo Rio de Janeiro por dois dias e duas noites até ser internado no Hospício da Praia Vermelha e, em 25 de janeiro de 1939, foi transferido para Colônia Juliano Moreira, onde viveu por quase 50 anos<sup>3</sup>.

Nos últimos 25 anos de sua vida Bispo não saiu da instituição, viveu longe do convívio social, das tendências da arte e das tecnologias, isolado no mundo que havia criado para si. Por sete anos o isolamento foi ainda maior. No documentário realizado por Fernando Gabeira em 1985, Bispo afirma ter ouvido uma voz que lhe ordenou: “Jesus filho tranque-se no quarto e comece a reconstruir o mundo”. Ele obedeceu e permaneceu trancado em seu quarto-forte por sete anos, sem sair, apenas criando. Como sua obra não é datada, acredita-se que algumas de suas principais criações foram realizadas neste período, como por exemplo, o manto da apresentação e os estandartes.

Bispo acreditava que sua missão era recriar o universo através de miniaturas, as quais deveria apresentar a Deus no dia do juízo final. Assim, sua obra era a sua missão na terra. Conforme relatou no documentário realizado por Hugo Denizart (1982), era guiado por uma voz feminina, a qual ouvia desde pequeno e que o ordenava a criar incessantemente. Seu devaneio resultou em ação, em criação. Era a “voz” que ordenava a realização de suas obras; tal voz foi, portanto, a origem e o limite da criação.

A obra de Bispo funcionava como um registro de si, segundo ele: “registro da minha passagem sobre a terra”. Poucos visitantes tinham acesso aos seus domínios. Suas atitudes e seu comportamento mantinham os demais pacientes longe. Somente aqueles que conseguiam enxergar a cor de sua aura podiam entrar e ver seu trabalho. A cor era a palavra mágica, a senha que dava acesso ao mundo de Bispo. Ele encarava o visitante e questionava “qual a cor da minha aura?” A resposta desejada variava entre o branco e um verdadeiro mosaico de tonalidades vivas, tais como o azul, o verde ou simplesmente todas as cores, como um arco-íris. Ele registrava tudo em seus fichários. O nome do visitante, sua profissão, procedência e a

---

<sup>3</sup> Bispo faleceu na Colônia Juliano Moreira em 05 de julho de 1989.

respectiva cor que haviam enxergado em sua aura. Num destes fichários, em meio a vários nomes é possível ler, por exemplo:

“BERENICE MIRANDA OLIVEIRA JESUS NÚCLEO ULYSSES VIANA – VER BRANCO”/ “MARIA TEREZA GRANDI OLIVEIRA JESUS NÚCLEO ULYSSES VIANA CENTRO PSIQUIATRICO – MÉDICA JACAREPAGUA - VER AZUL”/ “MONICA DE ASSIS – ESTAGIÁRIA SERVIÇO SOCIAL - NÚCLEO ULYSSES VIANA CENTRO PSIQUIATRICO – JACAREPAGUA – VER TODAS AS CORES”

Tais exercícios de auto-subjetivação constituíam um reforço ético, contribuindo para a construção de um estilo de vida, uma arte de viver. O desejo de estetização se reflete em atitudes e formas de comportamento que moldam sua existência, transformando a vida em obra.

Havia momentos em que Bispo jejuava. Passava dias, semanas inteiras sem comer. Tal gesto fazia parte da ética e da estética que desejava imprimir à sua existência. Queria tornar-se transparente, afirmava já ter assumido este estado durante um de seus jejuns.

Conforme pode ser visto no documentário de Denizart, Bispo proclamava a todos sua missão. Afirmava que muitos pacientes reconheciam sua santidade e lhe seguiam. Desfilava pela Colônia com o uniforme institucional por ele desinstituído através de bordados e inscrições que proclamavam sua importância. Trazia nas mãos os estandartes que contavam sua história, a história de sua obra, de sua vida como obra. Ele era “Jesus Filho” responsável por representar o universo através de miniaturas, mas somente poucos percebiam sua importância, segundo ele: “isso pra quem enxerga, pra quem não enxerga não dá pé”.

A religião marcou as atitudes e o comportamento de Bispo, fazendo parte de sua estética da existência. Valores de religiões afro-brasileiras aparecem misturados a idéias buscadas no cristianismo. Tais obras evidenciam o sincretismo religioso, tão presente em nossa sociedade, atravessando a estética de si de Bispo. Em alguns de seus trabalhos, imagens de santos cristãos se misturam a entidades do candomblé e da umbanda. Em outros momentos, guias coloridas se misturam à terços e cruxifixos monocromáticos.

O calidoscópio de idéias místicas de Bispo se modificou com o passar dos anos, dando novos contornos a sua estética da existência. Inicialmente ele se dizia o escolhido por Deus para representar o universo através de miniaturas. Como na arca de Noé, tudo o que existia no mundo deveria ser por ele representado até o dia do juízo final. Com o passar dos anos, Bispo passou a se ver como o próprio “Jesus Filho”. No referido documentário realizado em 1982,

ele é questionado por Denizart: “o senhor vai se transformar em Jesus?” Ao que prontamente responde: “você está olhando para ele”.

Nesta perspectiva, creio que duas vestimentas ganham destaque por representarem o caráter místico-religioso que perpassa suas atitudes e seu comportamento, entrelaçando vida e obra. Trata-se de um casaco preto comprido, coberto por rendas e adornos vermelhos que, juntamente com uma coroa da mesma cor, formam o que Bispo denominou de “Capa de Exu”. Outra é o “Manto da apresentação”, o qual Bispo usaria para se apresentar a Deus no dia do Juízo final. Este é coberto por inscrições. Por fora um turbilhão de pequenas imagens de cores variadas, simbolizam sua história, sua importância, a qual deveria ser ressaltada no dia do juízo final. Por dentro, vários nomes bordados em azul, eram aqueles que haviam o reconhecido, que se salvariam no dia do julgamento divino.

Bispo parece ter resgatado elementos do cristianismo e das religiões afro-brasileiras, enfim, elementos da cultura que em algum momento fizeram parte de sua vida, para estetizar sua existência. Conforme Foucault (2004, p. 276) as práticas de si não são simplesmente inventadas pelo sujeito e sim “esquemas que ele encontra em sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social”. Assim, não apenas elementos religiosos, mas quase tudo na vida-obra de Bispo parecia ter sido resgatado em seu meio sócio-cultural, como por exemplo, os barcos, o saco de boxe, as faixas de miss, os utensílios e uniformes institucionais por ele desinstitucionalizados em sua transformação e invenção de si.

Mas será que Bispo passou a estetizar a sua vida, assumindo determinadas atitudes e modos de comportamento somente a partir da internação? Creio que não. Sua obra, e a transformação e invenção de si que a acompanha, não foi apenas reflexo, resposta ou resistência ao internamento, mas sim uma necessidade de criar. A vontade criadora de Bispo nasceu de seu esforço em tentar elaborar a si mesmo de forma estética e ética, fazendo de sua própria existência uma obra.

Nas ocasiões em que deixou a instituição, nas casas em que viveu e numa clínica onde trabalhou, Bispo também criava incessantemente. Segundo Hidalgo (1996, p. 57), o manto da apresentação começou a ser construído durante o período em que Bispo viveu como empregado doméstico na casa de uma família de advogados. No pequeno quarto nos fundos da residência, onde se refugiava em muitas de suas incursões fora da Juliano Moreira, ele teria começado “a tecer este e outros bordados”.

Outra informação que corrobora com esta perspectiva é o fato do artista plástico Lula Wanderlei afirmar ter recebido de Bispo um desenho que, segundo ele fora criado em 1930, antes de sua internação (AQUINO, 2006, p. 63).

Neste sentido, talvez a arte da existência de Bispo tenha sido uma necessidade sua de elaborar-se e não um fator desencadeado pelo confinamento. Provavelmente na Colônia Bispo tenha encontrado um lugar para si<sup>4</sup>, um lugar para criar sua obra, para transformar e inventar a si mesmo. Conforme Aquino (2006, p. 63), em algum momento da vida de Bispo houve “a opção pela internação psiquiátrica; para tanto, talvez, possa ter contribuído o fato de ele ter encontrado na instituição as condições mínimas para dar vazão ao seu afã criativo”. Além disso, segundo Foucault (2005, p. 69), o cuidado de si permite que o sujeito encontre em sua própria trajetória uma escapatória as sujeições. A instituição não limitava Bispo, pois este encontrava em si mesmo um porto seguro.

Após esta breve digressão sobre o cuidado de si na vida e na obra de Arthur Bispo do Rosário, passo ao segundo personagem, desconhecido, mas não menos instigante, que também fez de sua vida uma obra. Refiro-me a Alceu Poeta e seu remédio de versos.

### **”Remédio de versos”**

Alceu Poeta nasceu numa pequena cidade no interior do Rio Grande do Sul<sup>5</sup>. Por volta dos 35 anos Alceu se apaixonou pela filha de um rico latifundiário da região. Tudo corria bem, namoravam na varanda aos domingos e faziam planos para o casamento, até a moça descobrir que estava grávida. Alceu foi surpreendido pela notícia e negou ser o pai da criança. Enquanto isso, a cidade comentava que a gravidez era fruto de uma relação incestuosa entre a jovem e seu irmão, o qual havia fugido ao saber do ocorrido. A família de Alceu se sentiu ofendida. Ele se negou a casar. Então o pai da moça usou de toda a sua influência e prestígio na região e conseguiu que Alceu fosse parar na cadeia, onde permaneceu por cerca de dois anos.

A prisão foi um marco em sua vida. Segundo seus familiares a cadeia o transformou, o enlouqueceu. Os parentes afirmam que após ser solto, Alceu nunca mais foi o mesmo. Desde

---

<sup>4</sup> No artigo intitulado “*Um lugar todo seu!?: paradoxos do viver em uma instituição psiquiátrica*”, Yonissa Wadi (2004) trata do fato de alguns internados perceberem o Hospício como um “lugar para si”, a partir dos escritos de uma mulher internada no Hospício São Pedro, em Porto Alegre, entre os anos de 1909 e 1911.

<sup>5</sup> A família Poeta solicitou que o nome da Cidade não fosse revelado a fim de preservar a identidade dos familiares de Alceu que ainda hoje vivem na localidade. Pela mesma razão, “Alceu Poeta” é um nome fictício. As informações sobre sua vida antes da internação foram fornecidas por sua família.

então só foi piorando, a memória falhava com frequência, falava sobre assuntos estranhos e desconexos e se tornou muito agressivo. Então, em 1969, a família se reuniu e decidiu interná-lo no Hospital Psiquiátrico São Pedro.

De 1969 até 1975, Alceu passou por várias internações seguidas de altas, num vai e vem entre o Hospital Psiquiátrico São Pedro, o Centro Agrícola de Reabilitação e sua cidade natal. Ele afirmava que precisava tomar diariamente seu “remédio de versinhos”, deixando nas instituições pelas quais passou uma série de poemas, cartas e pequenos bilhetes que criticam, blasfemam, gritam, riem e choram dos males de sua vida.

Alceu recebeu sua última alta de 1975. Retornou à sua cidade e, cerca de dois meses depois, enforcou-se no paiol próximo a casa onde morava. Foi localizado pelo seu pai por volta das 11 horas da fria manhã de 06 de julho de 1975, aos 42 anos de idade, sem deixar nenhum bilhete que justificasse tal ato<sup>6</sup>.

Alceu criava o modo de existência que desejava imprimir através de seus poemas. Estes constituem verdadeiros exercícios de si sobre si mesmo, cujo objetivo parecia ser a elaboração de um determinado modo de ser.

Alguns de seus poemas remetem a tradições gauchescas. Em muitos versos ele afirmava com orgulho que era gaúcho, falava do chimarrão e da vontade de voltar para a lavoura. Nesta perspectiva, assim como no exemplo de Bispo do Rosário, Alceu também corrobora com a perspectiva apontada por Foucault de que as práticas de si não são invenções do sujeito, mas sim possibilidades de existência buscadas nos esquemas que este encontra em seu meio sócio-cultural.

Alceu fazia questão de afirmar que já tinha uma profissão, era poeta. Zombava do trabalho terapêutico proposto pela instituição afirmando que fazendo versos ganhava mais dinheiro, segundo ele “fazer verso de autoria ganha mais do que na lenha”<sup>7</sup>. Dizia que se o “tratamento é o trabalho então eu farei em casa, que em meu lar também tenho trabalho”. Sua função, segundo ele, era organizar o Hospital: “eu me dediquei a organizar este hospital porque o meu tratamento é este”.

Negava-se a vestir o uniforme institucional, a cumprir o tratamento e a tomar qualquer remédio que não fosse o seu “remédio de versinhos”. Escrevia versos nos livros de ocorrência da instituição e tocava gaita na vila próxima a Colônia. Ele não se via como paciente, inventava seu próprio modo de existência, fazia de sua vida uma obra a ser construída através

---

<sup>6</sup> Em seu atestado de óbito consta como causa da morte “asfixia mecânica por enforcamento”.

<sup>7</sup> Alceu refere-se ao trabalho de cortar lenha, uma das atividades terapêuticas propostas pelo Centro Agrícola de Reabilitação.

de determinadas atitudes e comportamentos. Conforme uma anotação de um membro da equipe médica em seu prontuário: “Seu Alceu continua sem aceitar sua condição de paciente. Com frequência se afasta do CRA<sup>8</sup> em horário de trabalho e já é conhecido por toda a comunidade tendo vários amigos”.

Segundo os familiares de Alceu, assim como no caso de Bispo, a religião também marcou sua arte da existência. Durante uma de suas altas institucionais ele permaneceu por 40 dias fazendo penitência em uma gruta localizada num município próximo a sua cidade natal. Dormia em cima de palha seca e comia apenas frutas. Contudo, em apenas um de seus poemas ele menciona Deus e ainda de forma irônica:

*Peço que prestem atenção/ no que eu vou dizer agora/ me pôr no hospital o resto da vida/ sem poder sair para fora/ se doutor de medicina é Deus então eu sou Nossa Senhora*

Conforme o relato de seus familiares, antes do suicídio ele dizia que se sentia culpado e em dívida com Deus. Meses depois da referida penitência ele se enforcou. Segundo o seu cunhado, Alceu havia tentado o suicídio uma outra vez, cravando uma faca no pescoço. Alegava que não queria mais viver neste mundo, queria viver em outro lugar e que por isso desejava a morte.

Proponho para a estética de si de Alceu a mesma questão que fiz para a vida e obra de Bispo: será que Alceu passou a estetizar a sua vida, assumindo determinadas atitudes e modos de comportamento somente a partir da internação? Também neste caso creio que a resposta é negativa. Segundo relatos de seus parentes ele sempre gostou de escrever versos e músicas.

Como no caso de Bispo os versos de Alceu não foram uma resposta ao internamento, ou, ao menos, não apenas isso. A elaboração de si era anterior e talvez estivesse presente em toda a sua existência. Acredito que também no caso de Alceu a instituição funcionou como um lugar para si, onde ele teve as mínimas condições para criar seus poemas.

Inicialmente Alceu afirmava “sabeis que eu não sou doente”. Tal afirmação mudou ao longo do período de internamento. Num processo de transformação e invenção de si através de seus poemas, Alceu passou a se afirmar como louco. Em certos momentos essa construção parece uma tanto sarcástica, por exemplo, ele finaliza uma reclamação com a seguinte frase: “espero que ninguém se ofenda com o que eu escrevi, porque louco é assim mesmo, faz

---

<sup>8</sup> O Centro Agrícola de Reabilitação (CAR), chamava-se inicialmente de CRA (Centro de Reabilitação Agrícola),

loucura”. Ao louco tudo é permitido e Alceu talvez procurasse em sua loucura a proteção necessária para escrever o que desejasse.

Com o tempo a instituição assumiu um papel de lugar da criação e a doença pareceu servir de justificativa para a permanência. Assim, Alceu passou a afirmar que gostava de ser doente:

*eu faço tantos versinhos/ para ficar mais contente/ tanto já tenho sofrido/  
e agora gosto de ser doente*

Alceu, inventando seu existir, afirmava que permanecia no Hospital, segundo um trecho de um de seus versos, “para poder entrar para a história”. Também em seu caso a instituição não pode ser considerada um entrave em seu processo de invenção e transformação de si. Através do cuidado de si Alceu parecia encontrar em sua própria existência um subterfúgio transformando e recriando a si mesmo, modificando o que lhe era instituído. Conforme colocado anteriormente, segundo Foucault (2005, p. 69), sob a perspectiva do cuidado de si é possível encontrar em si mesmo um “porto abrigado das tempestades”.

### **O cuidado de si em Bispo e Alceu: algumas considerações**

Conforme Deleuze (2006, p. 141), os últimos estudos de Foucault sobre a História da Sexualidade, afirma que o que o filósofo nos diz é que somente podemos evitar a morte e a loucura se fizermos da existência um modo, uma arte. Creio que foi desta forma que Bispo e Alceu sobreviveram à internação e enfrentaram seus delírios. Através da subjetivação produziram modos de existência, estilos de vida próprios que escapavam do cotidiano que lhes era instituído, seja dentro da instituição ou fora dela.

A prática do cuidado de si em Bispo e Alceu pode ser percebida na tentativa empreendida por estes de estabelecer uma correspondência e uma coerência regrada entre suas atitudes e suas palavras. Segundo Gros (2006, p. 134), “a maior parte dos exercícios referentes ao cuidado de si participam desta obsessão única: assegurar da melhor maneira possível a correspondência entre o que digo que é preciso fazer e o que faço”. Neste sentido, o cuidado de si deve garantir a correlação entre o que o indivíduo é e o que acredita ser.

Contudo cabe aqui salientar que o cuidado de si no sentido clássico descrito por Foucault em sua análise das sociedades greco-romanas não é o mesmo presente na estetização da existência de Bispo e Alceu, tampouco uma versão atualizada. Pensar a maneira como tais personagens se constituíram sob a perspectiva do cuidado de si não é uma tentativa de redescobrir tais valores em nossa sociedade, mas de produzir uma nova leitura sobre o tema.

Assim, creio que é possível afirmar que suas existências foram atravessadas por um efeito de si.

Impregnados por este efeito de si, Bispo e Alceu inventaram seus estilos de vida, singulares modos de existência que legitimavam a versão de si que desejavam imprimir.

Os anos de internamento não os impediram de criar. Ainda que confinados em instituições, e talvez vendo nestas um lugar onde a criação era minimamente possível, a idéia de ambos não era o isolamento e sim o reconhecimento. Procuravam moldar, através da estetização de suas vidas, uma coerência entre seus atos e suas palavras, dando forma a imagem de si que desejavam imprimir. Nesta perspectiva, estabeleciam uma relação com os demais através do cuidado de si. Conforme Gros (2006, p. 132):

*o cuidado de si não é uma atividade solitária, que cortaria do mundo aquele que se dedicasse a ele, mas constitui, ao contrário, uma modulação intensificada da relação social. Não se trata de renunciar ao mundo e aos outros, mas de modular de outro modo esta relação com os outros pelo cuidado de si.*

Portanto, a perspectiva do cuidado de si não consiste uma fuga da realidade e sim uma maneira de agir que implica à imagem de si que se deseja passar um determinado estilo de vida.

Assim, neste estudo procurei analisar as concepções de Foucault a respeito do cuidado de si. Embora tratando de um período longínquo, o autor traz perspectivas que tiveram apreciável importância em nossas sociedades. Em seus estudos o filósofo mostra uma relação não instituída do indivíduo consigo mesmo. O cuidado de si apresenta formas de subjetividade que se apresentam como decisões estéticas e éticas do próprio indivíduo, o qual formula determinado modo de existência que deseja construir para si.

Pensando as atitudes e formas de comportamento de Bispo e Alceu sob esta perspectiva, objetivei mostrar que estes inventaram e transformaram a si mesmos através de suas criações. A vida-obra destes personagens é marcada por um efeito do que Foucault chamou de cuidado de si.

## Bibliografia

- AQUINO, Ricardo. Do pitoresco ao pontual: uma imagem-biografia. In: *Arthur Bispo do Rosário século XX*. Rio de Janeiro: Museu Bispo do Rosário, Prefeitura do Rio de Janeiro e Inepac, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações (1972-1990)*. São Paulo: Editora 34. 2006.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3. O cuidado de si*. São Paulo: Graal. 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos V. Ética, sexualidade, política*. São Paulo: Forense Universitária. 2004.
- GROS, Frédéric. O cuidado de si em Michel Foucault. In: RAGO, Margareth e NETO, Alfredo Veiga. *Figuras de Foucault*. São Paulo: Ed. Autentica. 2006
- HIDALGO, Luciana. *Arthur Bispo do Rosário – O senhor do labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- PORTOCARRERO, Vera. Práticas sociais de divisão e constituição do sujeito. In: RAGO, Margareth e NETO, Alfredo Veiga. *Figuras de Foucault*. São Paulo: Ed. Autentica. 2006.

## Outros

### Arthur Bispo do Rosário

- Marinha do Brasil. *Boletim oficial da passagem de Arthur Bispo do Rosário pela Marinha de 1925 a 1933*.
- Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira. *Ficha de controle da Colônia Juliano Moreira*, 1944.
- Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira. *Prontuário n. 01662*.
- Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira. *Certidão de óbito*, 1989.

### Documentários

- Arthur Bispo do Rosário*. Filme documentário, curta metragem. Direção Fernando Gabeira, 1985. Biblioteca do Instituto de Psiquiatria da UFRJ; *O prisioneiro da passagem*. Filme documentário, curta metragem. Direção Hugo Denizart. Produção do Ministério da Saúde, 1982, Acervo do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira, RJ;

### Alceu Poeta

Hospital Psiquiátrico São Pedro. *Prontuário Médico*. Arquivo Médico. Porto Alegre: HPSP, 1969.

Hospital Colônia Itapuã. Unidade de Internação Psiquiátrica. *Livros de Ocorrência do CAR*. Itapuã: HCI, 1973-1975.

Hospital Colônia Itapuã. Unidade de Internação Psiquiátrica. *Prontuário Médico*. Itapuã: HCI, 1973.

*Certidão de óbito*, 1975.

### **Entrevistas**

Conversa informal com familiares de Alceu Poeta [06/09/2006]. Entrevistador: Viviane Trindade Borges.

POETA, Otília. Entrevista com a irmã de Alceu Poeta [05/09/2006]. Entrevistador: Viviane Trindade Borges.

POETA, Rita. Entrevista com a sobrinha de Alceu Poeta [05/09/2006]. Entrevistador: Viviane Trindade Borges.